

Maruípe lidera casos de violência contra mulher

Região concentra 29,2% das ocorrências registradas pela polícia em Vitória. Mesmo sendo alvo de agressões, 51,9% das vítimas moram com o agressor, diz pesquisa

ADEMAR POSSEBOM

A região de Maruípe, em Vitória, é a que lidera o número de ocorrências de agressões contra mulheres comunicadas à Delegacia de Violência Contra a Mulher da cidade, com 29,2% dos casos. Do total de 708 registros, 198 foram feitos por mulheres que moram na região.

Um levantamento realizado por pesquisadoras do Instituto Jones dos Santos Neves (Ipes) mostra também que essa região, junto com a Continental (com 19,5% dos casos), completam quase a metade dos registros.

Apesar da maioria das vítimas ter se declarado solteira (49,7%), mais da metade dessas mulheres moram com os agressores (51,9%) e, em 68% dos casos, a vida em comum dura, em média, 11 anos.

Dentro de casa

O estudo está baseado nos boletins de ocorrência produzidos entre janeiro e junho de 2001, mas, na opinião, das autoras, estes dados refletem a situação atual.

“A maioria das agressões acontece dentro do lar, mas as mulheres não denunciam. Principalmente por dependem economicamente dos maridos. Eu já presenciei um caso em que a mulher foi agredida, quebrou o braço, levou facadas, chegou a ficar inter-



Dormindo com o inimigo

Levantamento feito pelo Ipes mostra que mais da metade das mulheres violentadas, em Vitória, moram com o agressor. Confira quais são os tipos de violência contra a mulher e o perfil das vítimas

Tipo de violência

Agressão física	13,5%
173	
Agressões diversas	13,2%
170	
Ameaça de morte	12,2%
157	
Lesão corporal	11,2%
144	
Difamação	6,4%
82	
Outros - 559	43,5%

Local da ocorrência

Residência do casal	36,8%
271	
Residência da vítima	27%
199	
Via pública	19,4%
143	
Trabalho	6,1%
45	
Outros	20,7%
79	

Características da vítima

Idade média: 33 anos

Estado civil: metade é solteira

Moradia: 51,4% mora com o agressor

Tempo de convívio: 68% das vítimas vive, em média, 11 anos com o agressor

Filhos: 59% tem filhos com o agressor

Profissão:

45% Trabalham no comércio, com serviços em lojas e mercado

23,4% São donas-de-casa

Mapa do crime

Maruípe	29,2%
198	
Continental	19,5%
132	
Santo Antônio	13,9%
94	
Bento Ferreira	13,7%
93	
São Pedro	13,1%
89	
Praia do Canto	5,9%
40	
Centro	4,7%
32	

Fonte: Ipes

Genildo/A Gazeta/Ed. de Arte

nada por isso, mas chorava na delegacia para não prenderem o marido, porque a culpa seria dela”, afirmou a pesquisadora Magda Rodrigues Leite.

Cumplicidade

A pesquisadora, no entanto, acredita que os números da violência são muito maiores, mas não são computados porque a mulher só procura a delegacia depois de ser agredida outras vezes. Ela destaca que o crescimento das estatísticas não significa que a violência tenha aumentado, mas que as mulheres estejam denunciando os casos com mais frequência do que há alguns anos.

Outro entrave às denúncias de violência seria uma postura romântica que as mulheres teriam em relação aos seus maridos. A pesquisadora do Núcleo de Estudos de Violência da Universidade Federal do Espírito Santo, Gláucia Xavier, afirma que muitas mulheres participam da violência ao suportar maus-tratos sem denunciar.

“Não se chega subitamente ao ponto de agredir fisicamente ou matar a mulher. Em geral, começa com agressões verbais, ameaças e, finalmente, pode estourar a agressão física. Isso pode acontecer também quando a mulher se rebela contra o parceiro, depois de ter se submetido à agressão”, afirmou.

Delegacias sem estrutura

Instaladas em 1985, as Delegacias de Defesa da Mulher ainda sofrem com a falta de recursos humanos e de infraestrutura para receber denúncias das vítimas de violência. A pesquisa do Ipes constatou que as delegacias da Grande Vitória contribuem de forma significativa para o combate ao crime, mas ainda demandam atenção específica em alguns pontos.

Mesmo sendo considerada a mais adequada pelas pesquisadoras do instituto, a Delegacia da Praia do Canto ainda não tem uma sala exclusiva para colher os depoimentos das

mulheres que, muitas vezes, chegam logo após de sofrer a violência. “As policiais da delegacia acabam tendo de fazer o papel de psicólogas e assistentes sociais. Aliás, elas são muito atenciosas”, afirmou a pesquisadora Maria Ignês Perini.

Nas delegacias, faltam policiais para intimar os maridos para que estes compareçam às delegacias, o que deixaria essas mulheres ainda mais vulneráveis. Em todo o Estado, apenas duas casas de apoio às vítimas estão em funcionamento: uma em Cachoeiro de Itapemirim e outra em Vila Velha.

A Secretaria de Segurança Pública reconhece a falta de pessoal adequado para receber as mulheres, mas afirma que essa é uma atribuição da Secretaria de Trabalho e Ação Social (Setas).

A Setas, por sua vez, afirma que o atendimento às mulheres vítimas de violência não precisa acontecer nas delegacias, mas também nas casas de apoio a essas vítimas existentes no Estado.

As pesquisadoras do Ipes afirmam que o número de denúncias poderia aumentar ainda mais se as delegacias fossem melhor equipadas.

Voz da vítima

‘O MEDO TORNA A MULHER OMISSA’

“Depois de seis anos de casamento fiquei grávida e meu marido passou a fazer ameaças, pois ele não queria o filho. A primeira vez em que fui agredida tive medo de morrer, porque ele apertou meu pescoço. Sofri sozinha não queria envolver a família. Eu tinha medo de denunciá-lo, ao mesmo tempo em que gostava dele. O medo faz a mulher se tornar omissa. Hoje, não aconselho ninguém a se calar”

C.S.A.

42 anos, professora